37/02
FEVEREIRO 1984

A LIAHONA

Fevereiro de 1984 PBMA0427PO **Volume 37 • Número 2**

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A Primeira Presidência
Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

Comitê de Supervisão:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee

Executivo do International Magazine:
M. Russell Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.

Executivo de A Liahona:
José Maria Carleto, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A LIAHONA

HISTÓRIAS E DESTAQUES

Mensagem da Primeira Presidência: O preço da Paz, *Presidente Marion G. Romney* 1

Como Observar a Palavra de Sabedoria — Com Cortesia, *Élder Robert E. Wells* 9

Vamos Ajudar Este Casamento a Crescer! *James M. Harper* 13

Diário Mórmon: A Mensagem Deu Fruto, *J. Elaine Lattimore* 20

Élder Joseph Anderson: "A Vida É Boa Graças ao Evangelho", *Breck England* 22

A Luz Nunca Se Desloca, *Spencer J. Condie* 32

Como Convém a Santos, *Brent Schindler* 34

Um Vislumbre da Eternidade, *Don Lind* 37

SEÇÃO INFANTIL:

De Um Amigo para Outro (David B. Haight), *Janet Peterson* 1

"Você Não Está Com Sede?", *H. Kent Rappleye* 4

Pinte-me de Verde, *Roberta L. Fairall* 6

A Oração de Enos (O Livro de Enos) 7

Capa: Vista contemporânea da Mansion House, em Nauvoo, Illinois, construída por Joseph Smith para abrigar os visitantes da cidade. Pintura de Al Rounds.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 1.500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 150,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: H&M Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

O PREÇO DA PAZ

Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Esta mensagem, extraída de um discurso do Presidente Romney, feito anteriormente, foi publicada sob a sua orientação.

Escolhi como assunto o preço da paz, devido à preocupação cada vez mais crescente do mundo pela paz — e o evidente fracasso em obtê-la. Infelizmente, na procura da paz, parecemos nos adaptar às palavras sábias de Paulo: "Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade." (II Timóteo 3:7.) E também parece-nos caber o que disse Isaías: "Como o sonho e uma visão da noite... como o faminto que sonha que está a comer, mas, acordando, sente a sua alma vazia." (Isaías 29:7, 8.)

Quando estive no serviço militar, durante a Primeira Guerra Mundial, foi-nos dito que estávamos "construindo um mundo democrático seguro"; estávamos defendendo uma causa que deveria pôr fim a todas as guerras. Quando meu filho mais velho participou da Segunda Guerra Mundial, disseram-lhe que ele estava preservando a causa da liberdade. A mesma explicação tem sido dada

durante as muitas décadas passadas.

Por que motivo nossa geração, com todo o seu conhecimento, tem fracassado tão miseravelmente na busca da paz? A única resposta que posso dar-lhes, é que não estamos dispostos a pagar o preço da paz. Tenho por propósito hoje, explicar qual é esse preço.

A paz tem sido definida de várias maneiras, mas talvez possamos pensar nela como a "harmonia consigo mesmo, com Deus e o homem". Esta concepção inclui todos os elementos encontrados nas definições do dicionário.

A condição oposta à paz e harmonia, dizem aqueles que compilam dicionários, é caracterizada por conflitos, contendas, disputas, lutas e guerras.

Examinemos estas duas descrições de paz, em contraste com os ensinamentos das escrituras. Gostaria de observar, primeiramente, que baseio minhas palavras nas escrituras, acreditando, é natural, que elas contêm a palavra revelada de Deus, e que Deus, conhecedor de todas as coisas, tem a última palavra em matéria da verdade Passemos às escrituras:

"As obras da carne", diz o Apóstolo Paulo, incluem "prostituição... lascívia, idolatria... porfias, emulações... iras, pelejas... invejas, homicídios, bebedices... e coisas semelhantes" (Gálatas 5:19-21). Observem quão de perto essas obras da carne se assemelham a conflitos, contendas, disputas, brigas e guerras — o oposto de paz e harmonia.

"Mas o fruto do Espírito", continua Paulo, "é caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gálatas 5:22-23), todos os elementos de paz que procuramos.

"A obtenção da paz requer que se elimine a influência de Satanás."

Através destas descrições, não se torna claro que o que temos que fazer para conseguir a paz, é obter os frutos do Espírito? Ou, em outras palavras, desde que Lúcifer "é o pai da contenda" (3 Néfi 11:29), o oposto de paz, seu preço é a vitória sobre Satanás.

Sei que existem pessoas no mundo que negam a existência de um Satanás pessoal. Esta teoria é falsa, e promovida pelo próprio pai das mentiras, mas não apresenta nada de novo. Os anticristos, comandados pelo diabo, têm negado a existência de Satanás desde os tempos antigos. O fato é, entretanto, que Lúcifer é um personagem de espírito, da mesma forma que Jesus e nós todos fomos personagens de espírito antes de nascermos. No mundo espiritual, ele era um personagem de grandes habilidades. Isaías refere-se a ele como o filho da manhã. "Ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra", lamenta ele (Isaías 14:12).

No entanto, Lúcifer rejeitou o plano do Pai para a salvação da humanidade e procurou substituí-lo por um plano seu. Não o conseguindo, ele, com um terço das hostes celestiais, foi "expulso... e se tornou Satanás... o pai de todas as mentiras, para enganar e cegar os homens, e levá-los cativos à sua vontade", isto é, a todos os que "não ouvirem minha voz" (Moisés 4:3-4).

Um daqueles que foram enganados por Satanás, chamado Corior, depois de haver ficado mudo por ter repetidamente negado a existência de Deus, "estendendo a mão, escreveu: Sei que estou mudo, porque não posso falar; e sei

que isto só o poder de Deus me poderia fazer; sim, e também sabia que existia um Deus.

"Mas eis que o diabo me enganou, pois que me apareceu na forma de um anjo e me disse: Vai e reconquista este povo, porque se perdeu atrás de um Deus desconhecido. E disse-me mais: Deus não existe; sim, e ensinou-me o que eu deveria dizer. E eu ensinei as suas palavras, e as ensinei porque eram agradáveis à mente carnal; e as ensinei até obter muito êxito, tanto assim que eu verdadeiramente acreditei que eram reais; por essa razão me opus à verdade, até trazer sobre mim esta maldição" (Alma 30:52-53).

Como vocês podem ver, Corior tinha conhecimento, mesmo quando negava, da existência de um diabo e de um Deus. Muitos de seus comparsar modernos cumprem a predição de Néfi, que, falando sobre os nossos dias, declarou:

"Nesse dia, ele (o diabo) assolará os corações dos filhos dos homens e os excitará a se encolerizarem contra o que é bom.

"E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo bai bem. Assim o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno.

"E a outros ele lisonjeia, dizendo que não há inferno; e diz-lhes: Eu não sou o diabo; ele não existe; e isso ele lhes sussurra aos ouvidos, até os agarrar com suas terríveis correntes, das quais não há libertação" (2 Néfi 28:20-22).

Podemos estar certos do seguinte: Se não existe demônio, não existe Deus. Porém, existe um Deus e um demônio, e a obtenção da paz requer que se elimine a influência de Satanás. Aonde ele está, a paz não pode existir. Além do mais, uma coexistência pacífica com ele é impossível. Ele não pode ser convencido a cooperar na manutenção da paz e da harmonia, pois não promove nada, além das obras da carne.

"Mas tudo quanto persuade o homem ao mal e a não crer em Cristo, negando-o e não servindo a Deus, podeis considerar com certeza que é do demônio; pois é desta forma que obra o demônio, não persuadindo ninguém a fazer o bem, nem a um só que seja; tampouco o fazem seus anjos, ou os que a ele estiverem sujeitos" (Morôni 7:17).

Antes que a paz possa ser estabelecida, portanto, é preciso que a influência de Satanás seja completamente sobrepujada. Mesmo no céu não poderia haver paz com ele, depois de sua rebelião. Lá, no mundo dos espíritos, o Pai e o Filho não encontraram uma forma de poder cooperar com ele, e teve que ser expulso — sem concessões ou ajustes.

"Ninguém", disse Jesus, "pode servir a dois senhores: porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom" (Mateus 6:24).

A vida terrena é um período de provação para todos, com duas forças poderosas puxando em direções opostas. De um lado, está o poder de Cristo e sua retidão. Do outro, Satanás e suas hostes. A humanidade, no exercício do livre arbítrio que Deus lhe deu, deve determinar em companhia de quem fará a jornada. Seguindo ao primeiro, terá por recompensa o Fruto do Espírito — paz. A recompensa para quem segue o segundo são as obras da carne — o

oposto de paz.

Durante seis mil anos, a batalha de Satanás pelas almas dos homens tem sido travada com fúria constante. Os habitantes da terra têm gemido sob o peso da corrupção, da idolatria, das contendas, do derramamento de sangue e de dores através dos séculos, testificando, assim, o fato de que Satanás tem sempre exercido poderosa influência sobre eles.

Embora, porém, como regra geral, as obras da carne tenham florescido, houve pelo menos dois períodos de paz — e outro ainda está por vir.

Os nefitas, após o ministério de Jesus Cristo entre eles, aboliram as obras da carne e obtiveram o fruto do Espírito, da seguinte maneira: "Os discípulos de Jesus organizaram a Igreja de Cristo... E todos quantos a eles se chegavam, e realmente se arrependiam de seus pecados, eram batizados em nome de Jesus e recebiam também o Espírito Santo. E... no ano trigésimo sexto, o povo inteiro foi convertido ao Senhor." Conseqüentemente, "não havia contendas nem disputas entre eles... em virtude do amor a Deus que vivia nos corações do povo... Não havia invejas, nem disputas, nem tumultos, nem devassidão, nem mentiras, nem assassínios, nem nenhuma espécie de lascívia... pois só havia um povo, os filhos de Cristo e herdeiros do reino de Deus... e procediam retamente uns com os outros... E, sem dúvida", diz o registro, "não poderia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus" (ver 4 Néfi 1-2, 15-17).

Esta condição prevaleceu entre eles durante quase dois séculos. E então, desertando do Evangelho de Jesus Cristo, os nefitas se voltaram para as obras da carne, e "começou a haver entre eles alguns que se tornaram orgulhosos... e começaram a dividir-se em classes e a levantar igrejas por conta própria, para obter lucros; e principalmente a renegar a verdadeira igreja de Cristo". Havia também entre eles algumas "igrejas que professavam conhecer a Cristo, negando, não obstante, a maior parte de seu evangelho" — um protótipo perfeito de nossos tempos. Essas igrejas "se multiplicaram excessivamente, em virtude da iniqüidade e por causa do poder de Satanás, que ganhou terreno em seus corações" (4 Néfi 24-28). E assim, dando ouvidos a Satanás, este povo, que através da obediência estrita ao Evangelho de Cristo havia gozado de uma paz perfeita durante quase dois séculos, foi, nos dois séculos seguintes, completamente destruído como nação, numa guerra civil.

Outro povo que conseguiu paz foi o de Enoque, que viveu antes do dilúvio. Eles a conseguiram da mesma forma que os nefitas, e gozaram da mesma felicidade, só que não deram ouvidos a Satanás e não retornaram às obras da carne. Ao contrário, continuaram em retidão e "o Senhor veio e habitou com o seu povo... e chamou a seu povo Sião, porque era uno de coração e vontade e vivia em justiça". E edificaram "uma cidade que se chamou a Cidade da Santidade, ou Sião", que, "com o correr do tempo... foi levada ao céu", onde permanece até hoje. (Moisés 7:16-21.)

De todos os descendentes de Adão e Eva, o povo de Enoque parece ter sido o único, de acordo com o meu conhecimento, que obteve uma paz perfeita e duradoura.

O que aconteceu com os nefitas e com

Enoque e seu povo construíram a Cidade de Santidade, que foi elevada aos céus.

o povo de Enoque, sempre tem acontecido e sempre acontecerá; pois banir Satanás, vivendo o Evangelho de Jesus Cristo, é o preço — e a única forma — de se obter paz. Deus, em sua infinita preocupação com o bem-estar de seus filhos, traçou, já no princípio do mundo, um curso para a paz; esse curso tem sido retraçado vez após vez, em cada dispensação, e temos sido consistentemente prevenidos que conseqüências desastrosas resultarão, caso o abandonarmos. Se uma única pessoa, dando ouvidos a Satanás, pratica as obras da carne, entra em conflito consigo mesma. Se duas dão ouvidos, além de entrarem em conflito interno, lutam uma contra a outra. Se muitas o fazem, floresce uma sociedade repleta de tristezas e contendas. Se os governantes de uma nação forem os que dão ouvidos a Satanás, a contenda se espalha pelo mundo, pois como disse o profeta Isaías, "os ímpios são como o mar bravo que se não pode aquietar, e cujas águas lançam de si lama e lodo. Os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz" (Isaías 57:20-21).

Assim como as obras da carne são de aplicação universal, o mesmo acontece com o evangelho da paz. Se um único homem o viver, ganha paz interior. Se dois homens o viverem, ambos terão paz interna e viverão em paz um com o outro. Se os cidadãos o vivem, a nação goza de paz doméstica. Somente quando, gozando dos frutos do Espírito, houver um número suficiente de nações para controlar os assuntos mundiais, é que as guerras deixarão de existir entre a humanidade.

Indivíduos há que tentam servir ao Senhor, sem ofender ao demônio. Eles introduzem na mente de muitos pesquisadores da verdade, a pergunta: "Não existe um terreno neutro, no qual a paz possa ser assegurada e mantida?" Temos de nos restringir à escolha da paz, obtida através do cumprimento do Evangelho de Jesus Cristo, ou a contendas e guerras?

Em resposta a esta pergunta, sinto-me confiante em dizer que, se há um terreno neutro, ainda não foi descoberto, apesar da procura ter sido longa e tortuosa. Ignorantes do fato, ou ignorando-o de propósito, e sem pensar sequer em pagar o preço da paz, os homem têm tentado muitos cursos de ação. Em 1899 e 1907 houve as Conferências de Haia; em seguida à Primeira Guerra Mundial, havia

a Liga das Nações; pactos numerosos, tratados e alianças intermináveis foram feitos, tudo sem sucesso.

Às vezes colocamos uma esperança bem intencionada — até mesmo desesperada — nas obras e sabedoria do homem. Lembro que pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial, em agosto de 1914, o Dr. David Starr Jordan, então reitor honorário da Universidade de Stanford, na California, e eminente advogado da paz, declarou que as condições do mundo haviam tornado impossível uma guerra mundial; que não poderia, nem nunca haveria outra grande guerra internacional, pois o mundo já havia ultrapassado o estágio de selvageria.

Disse o Élder James E. Talmage, que o ouviu falar: "Ele explicou que os interesses comerciais estavam tão intimamente relacionados, que, se uma nação chegasse ao ponto de declarar guerra a outra, os banqueiros haveriam de vetar tal declaração, pois tinham muito a perder; e que, se a voz dos banqueiros não fosse ouvida, então o povo haveria de se levantar e dizer: 'Não haverá guerra'... Em seguida, através de outro esplêndido apanhado de fatos, ele demonstrou o custo em perspectiva da guerra em nossos dias, provando, para a sua própria satisfação, que não há no mundo riqueza suficiente para sustentar uma guerra de grandes proporções por mais que poucos meses. Depois que ele terminou, o Élder Talmage lhe disse:

— Eu gostaria de poder acreditar no senhor, doutor.

— O senhor não acredita em mim?

— Não.

— E por quê?

— Por que o senhor deixou de lado alguns dos fatores mais importantes do problema.

— E quais são eles?

— As palavras dos profetas; e, num assunto que diz respeito à existência de nações, dou mais crédito às palavras dos profetas do que às deduções de um acadêmico, mesmo às de alguém tão ilustre quanto o senhor." (James E. Talmage, *Liahona*, vol. 5, pp. 677-79.)

O fato de que, no período de trinta anos decorrentes da predição do Dr. Jordan, o mundo passou por duas Guerras Mundiais e desde aí sofre três décadas de guerras e rumores de guerras, nos traz à mente as palavras do Senhor através da boca de Isaías: "A sabedoria dos seus sábios perecerá, e o entendimento dos seus prudentes se esconderá" (Isaías 29:14).

Se quisermos ter paz, irmãos e irmãs, devemos decidir-nos a pagar o preço que ela exige. Esta é a palavra de Deus, e tem sido o veredito de seis mil anos de história da humanidade.

E agora, ainda que eu ache que muitos dos habitantes da terra hoje em dia estejam tão presos às obras da carne, que não chegam a reconhecê-las como tal, não possuindo, portanto, a coragem moral para pagar o preço da paz, nós, ainda assim, não devemos, como Jonas, nos sentar debaixo da aboboreira e ficar enfadados se alguns deles resolverem aplicar os princípios do Príncipe da Paz, recebendo suas gratas recompensas. Ao contrário; devemos regozijar-nos, pois proclamar a paz é o único propósito de nossa missão terrena. Não devemos sentir prazer no fato de que homens à procura da paz, se provam ineficazes. Eu não faço guerra contra os seus esforços. Muitos deles estão fazendo o melhor que

podem à luz do conhecimento que possuem. Entretanto, para nós, que temos a clara luz do Evangelho revelado de Cristo, não vejo a justificativa de passarmos a vida tropeçando no escuro, seguindo a luz incerta de uma vela bruxuleante, iluminada pela sabedoria dos homens. Ao invés disso, deveríamos devotar nossas energias em propagar a verdade, deixando as trevas para aqueles que não enxergam a luz.

No entanto, embora tentemos ensinar o evangelho da paz, vemos que a maioria das pessoas prefere focalizar outros aspectos do problema. Mesmo assim, não devemos viver em desespero e tristeza. Devemos gozar a vida à luz da verdade revelada e conservar-nos informados sobre o que o Senhor nos disse a respeito do preço da paz.

Sinto-me agradecido por saber que os dias de minha provação estão sendo passados nesta dispensação, na qual a luz da verdade revelada brilha com toda sua radiante glória. Não sei de outra época na qual preferiria ter vivido. Se for de acordo com a Providência Divina que venham holocaustos, a terra não será desintegrada, não se tornará inabitável, e nem será destruída com todos os seus habitantes. Tais holocaustos serão parte das séries de eventos, revelados através dos profetas, que antecedem o início de um milênio glorioso de paz perfeita. Pois isto eu sei — e disto também podeis ter certeza — no fim, a retidão triunfará; os poderes da escuridão serão sobrepujados e virá a paz.

Prometamos todos nós, como um povo, aplicar em nossa vida individual, em nosso lar, negócios, nos nossos relacionamentos com os outros, os princípios do Evangelho restaurado de Jesus Cristo. Os frutos de seu espírito trazem e estabelecem a paz, e cada um de nós pode ter paz em si mesmo, se estiver disposto a pagar o preço. ★

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez os queira ressaltar em sua mensagem:

1. A paz é a "harmonia consigo mesmo, com Deus e o homem". O que temos de fazer para consegui-la é obter o Espírito.
2. O preço da paz é a vitória sobre o demônio. Onde ele está, a paz não pode estar. Além do mais, uma coexistência pacífica com ele é impossível.
3. Às vezes colocamos uma esperança bem intencionada — até mesmo desesperada — nas obras e sabedoria do homem. Entretanto, nós, que temos a clara luz do Evangelho revelado de Cristo, não devemos passar a vida tropeçando no escuro, seguindo a luz incerta de uma vela bruxuleante, iluminada pela sabedoria dos homens. Ao invés disso, deveríamos devotar nossas energias em propagar a verdade.
4. Podemos ter a certeza de que, no fim, a retidão triunfará; os poderes da escuridão serão sobrepujados e virá a paz.

Sugestões para Debate

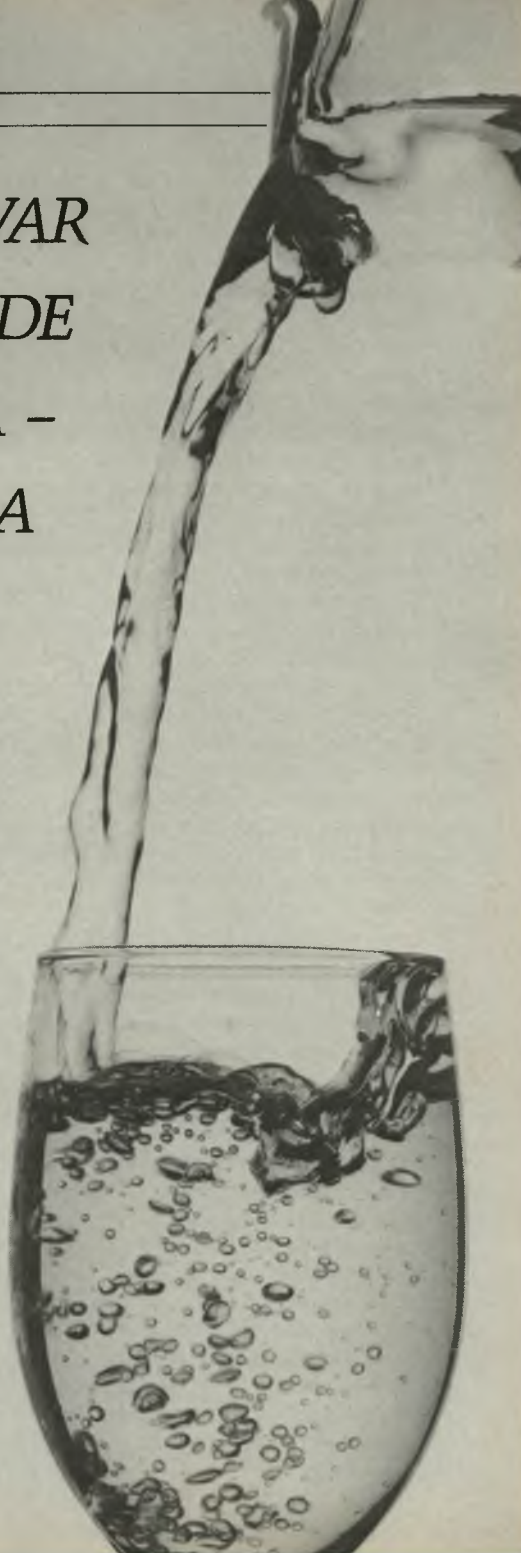
1. Relate seus sentimentos pessoais e experiências sobre o preço da paz. Peça aos familiares que expressem os deles.
2. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria melhor abordar o assunto depois de conversar primeiro com o chefe da casa, antes da visita? O bispo ou líder do quorum tem uma mensagem especial para o chefe da casa concernente à paz?

Como Observar a Palavra de Sabedoria – Com Cortesia

Como tratar o problema do protocolo, ao receber e ser recebido por aqueles cujos padrões são diferentes dos nossos.

Élder Robert E. Wells
Do Primeiro Quorum dos Setenta

Por ter vivido, durante muitos anos, em associação com não-membros, recebendo-os e sendo por eles recebido, freqüentemente me é perguntado como um membro da Igreja deve agir, ao se defrontar com um conflito de padrões, particularmente no que diz respeito à Palavra de Sabedoria. Talvez a melhor forma de responder à pergunta seja relatando como resolvi o problema em certos casos, e partilhando alguns dos princípios que aprendi através de minhas experiências.



Permitam-me primeiramente tratar dos problemas que o anfitrião pode enfrentar ao receber amigos não-membros.

Atualmente, minha mulher e eu simplesmente pedimos às pessoas que nos visitam, em nossa casa, que observem a Palavra de Sabedoria. Não possuímos cinzeiros e não servimos café nem álcool. Chego mesmo a pedir aos amigos que não fumem no meu carro ou nos pequenos aviões em que viajo. Ninguém se sente ofendido, mas nem sempre foi fácil.

Recordo uma ocasião difícil, quando éramos recém-casados. Eu havia acabado de voltar de minha missão e havia aceito um cargo em um dos mais importantes bancos internacionais do mundo. Eles nos enviaram para a América do Sul, onde se esperava de nós que proporcionássemos entretenimento a amigos do banco e muitos dignitários. Aprendi algo fundamental sobre diferentes culturas durante aqueles anos. Cada uma delas possui determinados tipos de etiquetas sociais e rituais para comunicar hospitalidade, amizade e aceitação. Alguns são compatíveis com a Palavra de Sabedoria, outros não. Descobrimos, no entanto, que em quase todas as situações, tanto como hóspedes quanto como anfitriões, podíamos modificar o conteúdo desses rituais e inventar algo que ainda assim nos permitiria participar calorosa e sinceramente da cordialidade esperada.

Como exemplo, temos o delicado assunto dos brindes formais, nos tradicionais cálices de champanha. Quando eu era o hóspede, pedia ao garçom que me servisse suco, ao invés de champanha. Tudo o que temos a fazer é falar com ele quando chegamos. Não se deve esperar que a festa toda pare, e o anfitrião espere por você. Uma gorjeta para o garçom ajuda-o a lembrar você. Também ajuda dizer-lhe onde estaremos, caso o número de convidados seja muito grande.

Quando o anfitrião é membro da Igreja, e precisa oferecer um brinde, o problema é mais delicado. Resolvi-o satisfatoriamente pela primeira vez no Paraguai, e tenho usado a mesma fórmula desde aí. Em um banquete muito importante, no qual tive que oferecer um brinde ao presidente do país, aos seus ministros de gabinete e à nação paraguaia como país anfitrião, decidi usar água. No Paraguai, um dos clientes do banco era a nova companhia de saneamento municipal, que, pela primeira vez na história daquele país, produzia água pura, não contaminada e de excelente sabor. Na hora apropriada, levantei meu cálice de champanha cheio de água e anunciei à seleta audiência: "Eu não sei o que vocês têm em seus cálices, mas no meu tenho o mais puro dos líquidos — água da Companhia de Saneamento Municipal de Assunção — e levantei o meu cálice num brinde cordial a Sua Excelência, o Presidente" etc. etc. O elogio foi sincero e funcionou a contento. Todos riram e ninguém jamais se esqueceu daquele "brinde mórmon".

Como anfitriões, usávamos dois estilos. De acordo com o que havíamos combinado com o banco, recebíamos no "estilo do banco" com propósitos comerciais, quando o banco pagava a conta — os garçons, fornecedores etc. Havia muitas ocasiões, no entanto, em que amigos de negócios nos faziam uma visita casual inesperada e nós os convidávamos para jantar. Dizíamos: "Vocês estão aqui como amigos, e gostaríamos de tratá-los como se fossem parte da família." Servíamos a eles tão somente o que costumávamos servir à família — nada de café, nem de bebida alcoólica.

Noutras ocasiões, quando se tratava de uma comemoração especial nossa, como uma festa para parentes ou dignitários da Igreja vindos em visita de Lago Salgado, explicávamos aos nossos hóspedes com antecedência que ia ser uma "festa mórmon", e eles logo entendiam o que se esperava deles. Invariavelmente, se alguém começava a fumar, era apenas porque havia esquecido; bastava um lembrete gentil, e a pessoa saía lá fora para fumar.

O anfitrião enfrenta uma série de problemas diferentes dos do hóspede que visita não-membros. É muito mais fácil ser hóspede. Nossos anfitriões se esforçavam ao máximo para fazer com que ficássemos à vontade, e nós tentávamos ajudá-los. Descobrimos que os sucos, ao invés de leite, são os substitutos mais fáceis para o café. Descobri que quando nossos anfitriões perguntavam se queríamos café, o que realmente desejavam era fazer com que nos sentíssemos bem e que ficavam contentes em atender-nos, se respondêssemos: "Não, obrigado, mas aceitaríamos um copo de suco." Se não tinham suco algum à mão, nós simplesmente lhes assegurávamos que, na realidade, não fazíamos questão de nada. Porém, da próxima vez que os visitávamos, eles sempre tinham algum tipo de suco à disposição. Na maioria dos países, existem atualmente certos tipos de bebidas quentes à base de cereais, ou chás de ervas, que, com facilidade substituem o café ou chá preto.

Houve vezes, em jantares formais, em que usei o mesmo método com o vinho, pedindo suco de uva não fermentado como substituto. Em geral, da primeira vez que pedíamos não havia, mas da segunda em diante, havia. Descobrimos que quase todo o mundo também queria experimentar nosso suco de uva não fermentado. Nunca tentamos fazer as coisas furtivamente. Tornávamos o assunto parte da agradável conversação.

As anfitrioas que nos convidavam para suas festas, geralmente nos telefonavam, para perguntar se tínhamos alguma preferência em matéria de sucos, se havia outras coisas que não podíamos comer, tal como presunto, ou se éramos vegetarianos. Em cada oportunidade, sempre explicávamos em que consistia a nossa Palavra de Sabedoria, e elas geralmente sentiam-se aliviadas de que fosse tão simples.

O fumo nunca foi problema. As pessoas não fumam para serem sociáveis. Talvez haja sociedades onde exista um protocolo concernente ao fumo, mas eu não encontrei nenhuma. A abstinência do fumo é um sinal de sabedoria nos círculos sociais internacionais que freqüentei.

Existem, porém, momentos ocasionais de alta etiqueta social que podem causar problema, a menos que estejamos prevenidos. Acontecem nas casas muito elegantes, onde o chá é servido como um ritual geralmente reservado para os membros e amigos mais íntimos da família. A surpreendente formalidade e protocolo do ritual é muito impressionante, quase que simbólica. O serviço de chá é de prata lavrada de lei, datando, às vezes, de séculos atrás. As xícaras e pires são da mais delicada porcelana importada. A anfitrioa ocupa o seu lugar, e uma dama de honra é escolhida para ajudá-la a servir o chá diretamente do bule, ou água quente nos saquinhos de chá que estão nas xícaras. A anfitrioa olha-nos e diz: "Uma ou duas colheres de açúcar?"

Pode-se responder, dizendo: "Não, obrigado. Não tomo chá preto, mas um chazinho de limão ser-me-ia muito agradável." Isto não lhes é difícil de atender, pois só têm que colocar a água fervendo em cima de uma fatia de limão . sempre disponível, que pode ser desfrutado com a deliciosa pastelaria arrumada em bandejas de prata à sua frente.

Nunca achei necessário evitar um acontecimento social por causa da Palavra de Sabedoria. Se não conseguia encontrar um modo fácil ou humorístico de enfrentar a situação, não via nada de errado em usar o método direto: "Não, obrigado." Ninguém jamais nos disse mais do que: "Posso servir-lhes outra coisa?"

Nunca vi motivo para me sentir desconfortável ou envergonhado por guardar a Palavra de Sabedoria. Jamais encontrei um anfitrião ou anfitrioa que não estivessem plenamente interessados em nos servir exatamente o que queríamos. Ninguém jamais questionou nossos padrões; aliás, não posso lembrar nenhum acontecimento social em que não nos fosse pedido que explicássemos nossa religião, e, na maioria das vezes, a Palavra de Sabedoria foi o assunto que deu início à conversa. A meu modo de ver, nossa atitude sempre fez por merecer o respeito de nossos amigos e colegas. ★

Conversemos a Respeito

Depois de ler "Como Observar a Palavra de Sabedoria — Com Cortesia", debata algumas das questões a seguir:

1. De que forma a atitude da pessoa em relação à Palavra de Sabedoria afeta a atitude dela para com aqueles cujos padrões são diferentes dos seus?
2. Quais as sugestões do autor que lhe parecem particularmente úteis em sua vida?
3. Você descobriu outros meios de fazer com que os outros saibam, sem se sentirem ofendidos, que seus padrões estão de acordo com a Palavra de Sabedoria?
4. Sob que condições um anfitrião santo dos últimos dias pode, de maneira apropriada, pedir a seus hóspedes que observem seus próprios padrões? E sob que condições ele não pode?
5. Por que razão, se decidimos agora como vamos responder ao tipo de situações que o autor descreve, isto nos ajudará a evitar embaraço ou dificuldade, quando nos defrontarmos com situações semelhantes?

VAMOS AJUDAR ESTE CASAMENTO A CRESCER!

James M. Harper

Uma jovem senhora sentou-se à minha frente certa vez, e passou a descrever o que lhe parecia ser um casamento "sem esperança". Haviam-se casado no templo poucos meses antes, mas as coisas não estavam correndo bem. O romance achava-se no fim, declarou ela; sua atração pelo marido estava desaparecendo, com as responsabilidades do dia a dia. Quando lhe perguntei por que ele não havia vindo junto, ela replicou que o marido não via nenhum problema no relacionamento deles. "Na verdade é um bom homem", declarou, "porém não mais me sinto ligada a ele, pois já não lhe tenho amor".

Desde aí, tenho pensado muitas vezes no compromisso assumido quando por

ocasião do casamento. O Salvador ensinou este princípio ao responder aos fariseus: "Portanto deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher... Portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem" (Mateus 19:5-6). *Ajuntar* é um verbo de poderoso sentido, pois significa estar intimamente ligado.

O *amor* é o ingrediente necessário para um cônjuge sentir-se intimamente ligado ao outro. "Amarás a tua esposa de todo o teu coração", disse o Senhor, "e a ela te apegarás e a nenhuma outra" (D&C 42:22). No entanto, o termo *amor* tem significados diferentes para pessoas diferentes. Para alguns, não passa de uma atração emocional e física, acompanhada de idealização romântica. Para estes, o amor não inclui necessariamente os conceitos importantes de compromisso e ligação. Para outros, é o sentimento calmo e constante desenvolvido entre as pessoas, quando partilham das importantes experiências da vida. Ambos os tipos de amor são importantes; ambos contribuem para bons casamentos. Em muitos casos, porém, o amor romântico é super--valorizado, enquanto o compromisso que leva a uma ligação real fica em segundo plano.

Quando missionário na Coréia do Sul, fiquei impressionado com a qualidade de muitos dos casamentos do povo coreano. Ao saber que eram arranjados pelos pais, fiquei imaginando como duas pessoas podiam unir-se tão bem, sem terem primeiramente desenvolvido um amor romântico. Como a minha visão do casamento era então bastante estreita, eu pensava que os sentimentos românticos eram a única força capaz de unir ou ligar um casal.

Mas aprendi alguns princípios básicos sobre o amor, ao observar aqueles casamentos. Aprendi que, quando duas pessoas trabalham juntas para formar um lar, quando se esforçam para conservar seus filhos alimentados e saudáveis, surge o amor. Quando aparecem as doenças ou adversidades, e um dos cônjuges se sacrifica para ajudar e cuidar do outro, é que se aprende a amar. Quando o marido e a mulher estão progredindo juntos espiritual e emocionalmente, é que cresce o amor. O amor, eu aprendi, é edificado à medida que o casamento e os seus parceiros se desenvolvem.

Como pode, então, o casal valorizar o compromisso do casamento em sua vida?

1. Nos Tempos de Crise, Façam com que o Esforço Seja Conjunto

As crises podem fortalecer o casamento. É uma pena que haja casais que usem as dificuldades encontradas no casamento como desculpa para escapar de seus compromissos. Eles freqüentemente começam a culpar um ao outro, ao invés de se unirem, em busca de afeição e apoio. As provações da vida podem servir como alicerce para o amor.

Recentemente minha mulher e filhos estavam muito doentes com uma infecção bacteriológica incomum. Abençoei-os e orei por eles, e não desejando que ninguém mais se expusesse à doença, organizei meu horário de trabalho de modo que pudesse ir para casa e cuidar de suas necessidades. Logo tornou-se aparente que o que fiz para ajudá-los durante as três semanas em que estiveram doentes, contribuiu para formar um forte elo de união na família. Tais provações às vezes afastam os casais, mas podem servir de treinamento para um compromisso maior. Muitas vezes realizamos tais trabalhos, porque nos comprometemos antecipadamente, mas, em muitos casos, o *serviço precede o compromisso.* É quando servimos que nos unimos e nos ligamos uns aos outros.

A expressão do rosto de mamãe, quando meu pai a presenteou com... rosas vermelhas, ficou indelevelmente marcada em minha mente.

O relacionamento entre marido e mulher é parecido com o cultivo de flores belas e raras. Planta-se a semente, nutrindo-a com água, adubo, terra e luz. Se o delicado equilíbrio desses ingredientes não é seguido, o crescimento e a beleza da flor podem ser prejudicados por algum tempo. Mas, trabalhando para se conseguir o equilíbrio de nutrição exigido, pode-se sobrepujar o problema. O compromisso para com a flor começa à medida que se toma conta de suas necessidades e tenta-se ajudá-la a crescer até a plenitude de sua beleza.

O Presidente Spencer W. Kimball debateu o relacionamento entre o amor matrimonial e a adversidade: "O casamento pode não ser sempre calmo e sem incidentes, mas pode ser de grande paz", prometeu ele. "O casal pode passar pela miséria, doenças, desapontamentos, fracassos e até mesmo morte na família, mas nem mesmo estas coisas haverão de roubar-lhes a paz. O casamento pode ser bem sucedido, conquanto não exista egoísmo. As dificuldades e os problemas aproximarão os pais, formando uniões inquebrantáveis, se a abnegação for total. Durante a depressão de 1930 na América (falta de emprego, inflação etc.), houve uma definida queda no número de divórcios. A pobreza, os fracassos e desapontamentos serviram para unir ainda mais os pais. A adversidade pode acimentar relacionamentos que a prosperidade poderia destruir" (*Marriage and Divorce*, Deseret Book, 1976, pp. 19, 22).

Em meu casamento, tomei a decisão muito cônscia de não deixar que dificuldades externas me afastassem de minha mulher. Aprendi que, além do Senhor, ela é o meu maior apoio em qualquer crise. Se permito que temores e irritações nos dividam, excluo de minha vida a pessoa que melhor poderia me ajudar a transformar a crise em fortalecimento.

2. Estabeleçam Metas Comuns

Mesmo quando o casal sente que algo está a dividi-los, o esforço conjunto em direção a uma meta partilhada pode reviver os laços que os unem. Com demasiada freqüência, os casais acentuam negativamente as diferenças entre eles. É mais importante acentuar as aspirações partilhadas e trabalhar para consegui-las.

Aprendi este princípio, quando era líder dos escoteiros, numa tentativa de fazer com que dois grupos de meninos mudassem suas atitudes negativas em relação um ao outro. Depois de tentar diversas estratégias infelizes, coloquei-os numa circunstância que exigia cooperação de ambas as partes, para poder sobrepujar determinado obstáculo. Eles se uniram para alcançar uma meta comum, e desde aí, nunca mais tivemos que nos preocupar com conflitos entre os dois grupos.

Recentemente ouvi um casal se queixar que tinha poucos interesses em comum. Ela gostava de ler, ele não; ele praticava esportes, mas problemas físicos impediam-na de acompanhá-lo. A lista de diferenças foi aumentando cada vez mais Perguntei se não partilhavam de um único interesse, e eles sacudiram a cabeça. Afinal, sugeri que tomassem aulas de cerâmica juntos. Eles nunca haviam

tentado nada parecido, e, ao fazê-lo, conseguiram um novo interesse em comum. O efeito foi inacreditável. Ao trabalharem em direção a uma meta comum, o entusiasmo do crescimento conjunto ajudou-os a, gradualmente, esquecerem suas diferenças.

3. Procure Modos de Fortalecer Seu Cônjuge

Seria sábio perguntarmos a nós mesmos freqüentemente a seguinte questão. "O que tenho feito recentemente para melhorar os sentimentos de meu companheiro ou companheira a respeito de si mesmo?" Decidindo enaltecer a auto-estima do companheiro, ligamo-nos muito mais um ao outro; o desenvolvimento do cônjuge em sua maneira de sentir também é sucesso nosso. Adicionalmente precisamos estar dispostos a ajudar nosso companheiro a crescer na área em que desejarem. Os esposos precisam encorajar um ao outro em suas metas espirituais, desenvolvimento intelectual e condicionamento físico. É importante que sejam estimulados e não desencorajados com críticas, resmungos e exigências. Quando aceitamos a meta de ajudar nosso companheiro a crescer nas áreas escolhidas, gozamos da união resultante de tal atitude.

Fortalecer também significa descobrir pontos fortes, ao invés de pontos fracos. Uma das diferenças óbvias nos estudos de casais felizes em comparação com casais infelizes é a intensidade de conversação positiva diária. Uma boa regra é fazer com que pelo menos dois terços de nossas conversas com nosso cônjuge sejam agradáveis, positivas e fortalecedoras para ambos. Os problemas precisam ser discutidos e enfrentados, mas passar todo o tempo resolvendo problemas juntos não é algo agradável em nenhum relacionamento.

4. Aprenda a Amar a Si Mesmo

"Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta" (Efésios 5:28-29). É extremamente difícil nos sentirmos ligados a nosso cônjuge, quando sentimos que nada temos para oferecer. Assim como não podemos principalmente focalizar nossa atenção nas fraquezas de nosso companheiro, tampouco devemos deixar de tentar trazer mensagens positivas para nossa própria mente.

Às vezes mantemos em nossa mente conversações que nos degradam. Se prestarmos atenção aos pensamentos e sentimentos que penetram em nossa mente; quando nos olhamos no espelho, quando encontramos alguém pela primeira vez, ou quando completamos uma tarefa, talvez possamos determinar o grau de amor que temos por nós mesmos. Substituir os pensamentos negativos por positivos, pode aumentar nosso amor próprio. Outro método que tem beneficiado muitos indivíduos é imaginar-se a si mesmo comportando-se de maneira positiva e como se fosse uma pessoa bem sucedida.

5. Esteja Sempre Pronto a Ver Seu Cônjuge sob Novos Aspectos

Nunca sabemos tudo o que há para se descobrir a respeito dos outros. Embora passemos a vida inteira casados com alguém, esse alguém está crescendo e mudando. Este fato torna o casamento emocionante — sempre há coisas novas e agradáveis para se aprender sobre nosso cônjuge, se procurarmos por elas.

Certo marido mostrou-se, recentemente, surpreso com o conhecimento profundo demonstrado por sua mulher sobre candidatos políticos. Ela havia estudado o assunto e analisado a plataforma de cada candidato. Ele ganhou um novo respeito por ela, ao ficar sabendo

de seus estudos. Outro casal passa parte de seu tempo partilhando os livros que lêem. O marido não têm muito tempo para ler, mas gosta de ouvir a mulher compartilhar com ele o que ela lê. O melhor de tudo é que ele aprende bastante a respeito dos valores e sentimentos da esposa, através de seus debates. Isto faz com que o casamento deles continue firme e estimulante.

6. Dê Prioridade Máxima a Seu Casamento

Existem pais que se ligam mais aos filhos do que um ao outro. Os filhos podem até mesmo tentar puxar um deles para o seu lado, jogando um cônjuge contra o outro. Quando isto ocorre, não é bom nem para o filho, nem para os pais.

Da mesma forma, as pessoas e atividades de fora da família podem prender-nos com maior força do que nossos cônjuges. O trabalho, os passatempos e amigos podem inteferir no fortalecimento do compromisso matrimonial. É importante proteger-nos contra isto, planejando e tirando algum tempo para conversar e estar juntos, só os dois.

7. Renove os Eventos que Simbolizam o Seu Casamento

Os aniversários de casamento são eventos significativos, porque simbolizam o compromisso matrimonial. Outros eventos e lugares associados com o casamento ou namoro também podem tornar-se simbólicos. Atos tais como oferecer flores, escrever bilhetinhos ou observar celebrações especiais, servem de lembrete aos casais do elo que os prende. Há casais que planejam uma forma de deixar os filhos com babás competentes, para saírem juntos em um fim de semana. Isto ajuda a fortalecer a união deles.

Eu era bem pequeno, quando compreendi que meus pais se amavam muito. Isso se tornou evidente pelos símbolos que representavam sua união. O aniversário de casamento era um evento marcado com grande celebração. Noutras épocas do ano, símbolos exteriores serviam para renovar o compromisso matrimonial. A expressão do rosto de mamãe, quando meu pai a presenteou com uma dúzia de rosas vermelhas ficou indelevelmente marcada em minha face. O símbolo foi poderoso em minha vida, e meus pais renovaram o evento muitas vezes, à medida que eu crescia.

No dia do meu casamento, nós também escolhemos rosas para representar nossa ocasião especial. Assim continuamos uma tradição que simbolizava compromisso, um símbolo que eu gostava de testemunhar em meus pais.

8. Faça do Evangelho o Alicerce de Seu Casamento

O viver celeste envolve um compromisso matrimonial eterno. A vida resultante da obediência aos princípios do evangelho é cheia de atos de serviço e solidariedade em benefício do companheiro e da família. Quando um homem e uma mulher estão casados para a eternidade, decidem que podem progredir espiritualmente, juntos, melhor do que sozinhos. O casamento no templo não promete uma vida familiar sem dificuldades, mas oferece um potencial de ligação e compromisso que não pode ser conseguido de nenhuma outra forma. ★

O Irmão Harper, professor assistente de relações conjugais e terapia familiar da Universidade de Brigham Young, e pai de quatro filhos, serve como sumo conselheiro na Estaca BYU Tenth, Provo, Utah.

A Mensagem Deu Fruto

J. Elaine Lattimore

Estávamos no fim do mês de março de 1977. Sai às pressas da escola onde trabalhava como professora, a fim de plantar morangos. O céu escureceu terrificamente, e nuvens escuras se formavam, ameaçadoras. Eu estava ansiosa para tirar minhas mudas de morango da geladeira e plantá-las na terra quente, antes que começasse a tempestade, pois no sul do Arizona, a chuva é sempre preciosa e bem-vinda. Significava, também, que eu não teria que irrigar os morangos depois de plantá-los, podendo deixar a cargo da natureza tal trabalho.

Enquanto plantava, congratulava-me por minha sorte, e sonhava contente com as frutas vermelhinhas que haveria de colher em junho. Porém, uma olhadela para cima me fez saber que teria que me apressar, se não quisesse ficar tão encharcada quanto as plantas. Apressei-me. Transpirando, limpei a testa com o braço, deixando um risco longo de terra

Ilustração de Scott Snow

na face. Minhas roupas estavam todas sujas de terra e eu cheirava ao fertilizador que estava usando. Compreendi que devia estar suja — e mal cheirosa — quando vi, subitamente, cruzando o campo em minha direção, duas gentis senhoras idosas, minhas professoras visitantes.

Embora eu já estivesse inativa na Igreja há quase um ano, sempre havia permitido que as professoras visitantes viessem a minha casa. Devo confessar que freqüentemente as considerava uma amolação, pois, embora sempre fossem boas e gentis, sua presença me lembrava que eu não estava vivendo minha religião. Uma enfermidade que ameaçara tirar-me a vida, bem como outros problemas familiares, haviam-me deixado amargurada e ressentida com o Pai Celestial, e era-me impossível explicar-lhes tais sentimentos.

Voltando atrás, acho que jamais as enganei; mas elas nunca se mostraram dispostas a fazer críticas ou julgamentos. Apareciam regularmente na quarta-feira, toda terceira semana do mês, prestavam seu testemunho, incentivavam-me, elogiavam meus filhos e freqüentemente me traziam algo gostoso para comer, feito por elas mesmas. Minha indiferença freqüente nunca as deteve, e minhas palavras mordazes passavam despercebidas. Elas vinham mês após mês, sem nunca falhar, sempre me demonstrando o seu amor.

Hoje, porém, eu teria que ser firme. Decidi dizer-lhes que não tinha tempo para escutá-las, mas não cheguei a ter a oportunidade. Vestidas com suas melhores roupas, usando até mesmo meias de seda, ambas se ajoelharam ao meu lado. Eu ainda estava de boca aberta, quando a Irmã Batty começou a ler a mensagem, enquanto a Irmã Costner se pôs a plantar morangos ao meu lado.

Também continuei minha tarefa, e não se passou muito tempo para que grossas gotas d'água começassem a cair, fazendo pequenos sulcos no chão. Continuamos plantando, e a irmã Batty prosseguiu na leitura. Não me lembro qual foi a mensagem oficial, mas senti-me grata por estar chovendo suficientemente forte para esconder o dilúvio de lágrimas que me corriam pela face enquanto eu recebia, não uma mensagem de palavras, mas de atos — de amor, abnegação e devotamento. Uma mensagem que haveria de literalmente dar frutos.

Quando terminamos de plantar a última muda, estávamos encharcadas. Convidei-as para entrar, mas elas se recusaram, e, como se não estivessem nenhum pouco molhadas, responderam que ainda tinham algumas visitas a fazer. Em seguida, tiraram do assento de trás do carro um cheiroso pão de banana, que me entregaram e foram embora, deixando-me maravilhada com os seus espíritos indômitos.

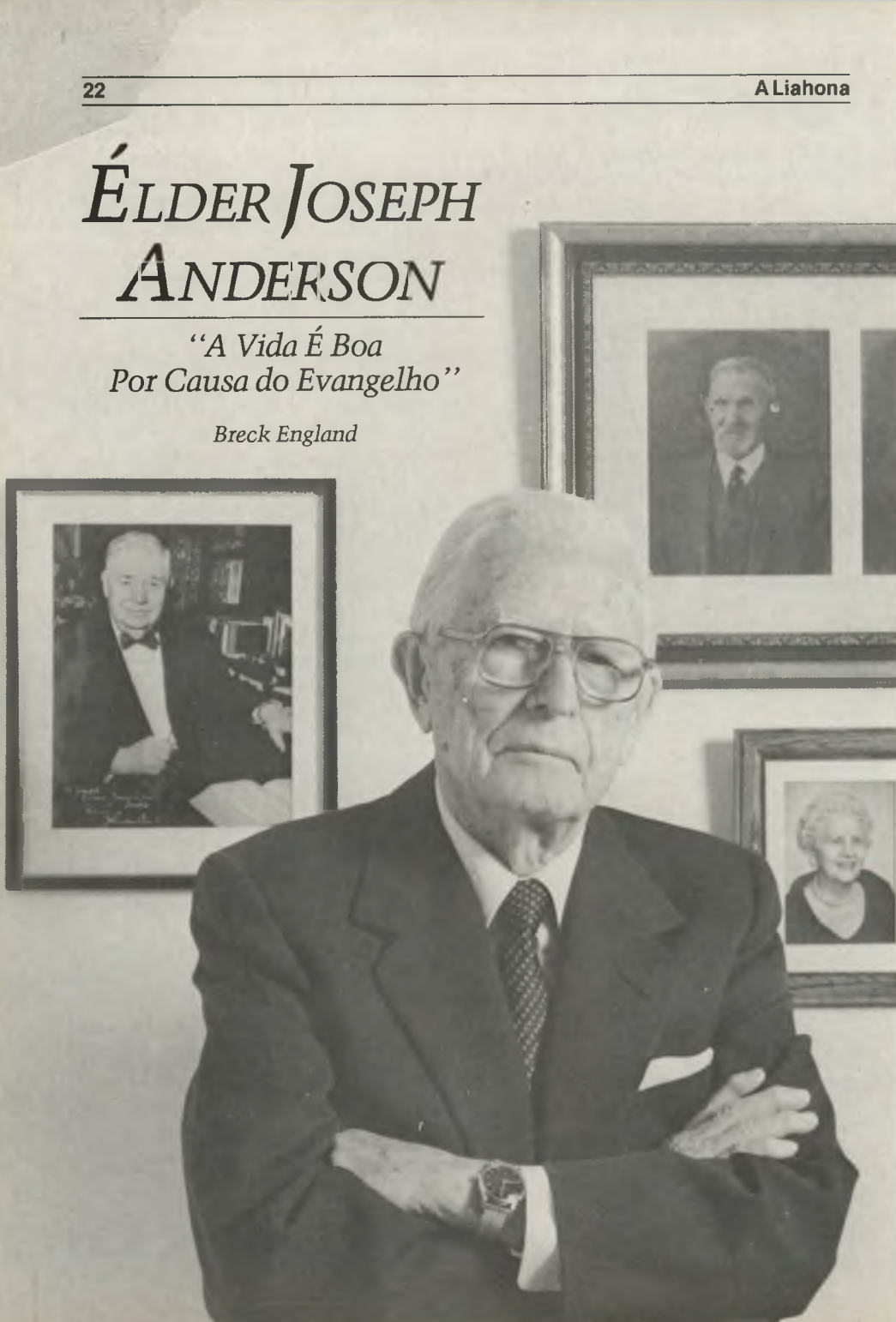
Vários anos já se passaram, desde aquele dia chuvoso de março. Aquelas boas irmãs não o sabem, mas a pureza do seu amor operou um milagre em minha vida. Através do seu exemplo, consegui livrar-me dos sentimentos que me amarguravam e novamente procurar as bênçãos advindas da atividade na Igreja. Não posso comer um morango, nem ouvir as palavras "professoras visitantes", sem pensar naquelas queridas irmãs ajoelhadas ao meu lado, na minha horta. E não consigo examinar minha vida sem agradecer ao Pai Celestial pela fidelidade delas. ★

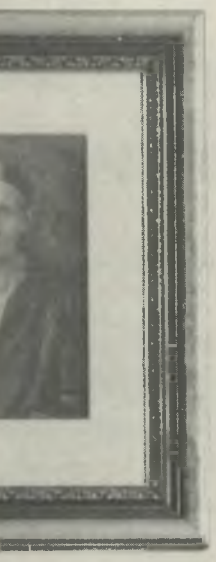
J. Elaine Lattimore, Greenwood, Indiana.

Élder Joseph Anderson

"A Vida É Boa Por Causa do Evangelho"

Breck England





Fotografia de Eldon Linschoten

A sensação de que um acontecimento histórico importante estava para acontecer, reinava naquela conferência geral de abril de 1970, à medida que as Autoridades Gerais se reuniam no Templo de Lago Salgado, preparando-se para a Assembléia Solene que haveria de apoiar Joseph Fielding Smith como décimo Presidente da Igreja. Quando Joseph Anderson sentou-se para tomar nota das minutas da reunião, deu-se conta de que o Presidente Smith seria o quarto Presidente da Igreja a quem serviria como secretário da Primeira Presidência, um posto que ocupava desde 1922. Ele considerava todos os Irmãos amigos, e estes, por sua vez, nutriam-lhe grande estima — poucos meses antes haviam-se reunido para juntos cantar "Parabéns a Você", em honra aos oitenta anos de Joseph.

Durante a reunião, os Irmãos se mostraram atentos e com ar de expectativa, pois um certo número de vagas entre as Autoridades Gerais deveria ser preenchido durante a conferência. A Primeira Presidência chamou um novo membro do Quorum dos Doze, Élder Boyd K. Packer, e então Joseph ouviu, pasmado, o seu próprio nome. O Senhor o havia chamado para servir como Assistente do Quorum dos Doze. Ele olhou para cima, surpreso, e ficou imaginando se havia ouvido corretamente. Todos os irmãos estavam olhando para ele — aqueles homens a quem ele sentia ser uma honra servir — e compreendeu que, de agora em diante, passava a ser um deles. "Aquilo nunca havia passado sequer por minha mente", declarou mais tarde.

Para Élder Anderson, tal chamado foi o

coroamento honroso e feliz de uma vida de serviços iniciada a 20 de novembro de 1889. Nascido na Cidade do Lago Salgado, Utah, Joseph, o mais novo de onze irmãos, mudou-se com sua família, quando ainda criança, para Roy, Utah, uma pequena comunidade agrícola. Lá, foi criado sob a direção de sua mãe muito espiritual, Isabella Watson Anderson. Quando do seu nascimento, sua mãe havia desejado dar-lhe o nome e sobrenome do Profeta Joseph Smith, e dirigiu-se à capela com tal intenção, mas movida pela modéstia, acabou conformando-se só com "Joseph".

O pai do jovem Joseph, George Anderson, era um emigrante escocês, antigo mineiro que se tornou supervisor de seção da estrada de ferro que cruzava o Condado de Weber, em Utah. George era um homem quieto e honestíssimo, relembra Élder Anderson; portanto, os antecedentes do menino achavam-se alicerçados em princípios de integridade e reverência, que muito lhe haveriam de servir em sua carreira como secretário e confidente dos Presidentes da Igreja.

Nascido não muito longe da era pioneira, Joseph, como os pioneiros, também aprendeu cedo o valor do trabalho árduo e de abrir seu próprio caminho na vida. Quando criança, empregou-se para trabalhar numa fábrica de conservas de tomate em Roy, Utah, durante os meses de outono, e passava a maior parte do ano cuidando de gado ou ficando acordado a noite toda para irrigar a fazenda da família. Com seu cachorro e cavalo, tornou-se um perito vaqueiro desde jovem, cavalgando sem sela e apostando corrida com seus amigos num velho pônei. Joseph sobreviveu a muitas quedas de seu pônei, e formou-se aos treze anos, numa escola de uma única sala. Foi bem nos estudos e, quando criança, serviu como secretário da Primária, em sua ala.

Um irmão e uma irmã mais velhos puderam freqüentar a Universidade de Utah, na Cidade do Lago Salgado; mas, como a família era muito pobre para poder enviar outro filho à universidade, Joseph matriculou-se na Weber Academy (atualmente Weber State College), perto de Ogden, Utah. Na academia, Joseph idolatrava o seu diretor e professor de inglês, David O. McKay, "um homem simpático, de belo porte e grande personalidade", que disciplinava seus alunos pela sua maneira de ser.

Seu professor se recusou a deixar que os modos acanhados de Joseph impedissem o seu progresso: chamava-o seguidamente para orar ou escrever no quadro-negro, em frente de uma classe enorme — uma tarefa, recorda ele, que o fazia suar frio. Os dias na academia, sob a direção de David O. McKay, influenciaram o resto de sua vida, pois passou a estudar poesia inglesa e a memorizar partes de "Lady of the Lake", um clássico escocês de Sir Walter Scott, muito apreciado pelo diretor, David O. McKay, que havia recentemente voltado de uma missão na Escócia. O amor de Joseph às letras e seu talento natural como taquígrafo, arte que aprendeu num curso comercial, mais tarde o levaram à carreira de secretário.

Incentivado por seus professores, Joseph foi trabalhar, aos quinze anos para uma companhia madeireira de Ogden (ganhava 15 dólares por mês, o suficiente para pagar quarto e comida). Apesar de jovem, conseguiu dominar a difícil taquigrafia de Pitman, um método de velocidade na escrita que envolve linhas sombreadas e figuras geométricas. O desenvolvimento desta habilidade foi fundamental para o aumento de sua auto-confiança, e resolveu ser o melhor possível em taquigrafia.

Viagem às missões européias, em 1937; da esquerda para a direita: Octave Ursenbach, Presidente de uma das missões européias; Hugh B. Brown, Presidente da Missão Inglesa; Joseph Anderson; Richard L. Lyman; Presidente Heber J. Grant; e Irmã Ursenbach, à direita.

Joseph sabia que seu salário na companhia madeireira não ia ajudá-lo a conseguir seus objetivos, portanto, mudou-se para a Cidade de Lago Salgado, antes dos dezesseis anos. Os comerciantes de Lago Salgado não estavam acostumados com adolescentes peritos em taquigrafia, datilografia e trabalho de escritório, mas Joseph logo abriu seu caminho como empregado da Consolidated Wagon and Machine Company, ganhando 25 dólares por mês. Foi-lhe dado o trabalho mais desagradável — cobrar dívidas de clientes da companhia — mas conseguiu ser bem sucedido, graças a seu caráter modesto e caridoso, e acabou tornando-se secretário do gerente geral. Enquanto isto, sua taquigrafia melhorava rapidamente, pois o áspero, porém bondoso patrão começava a ditar nem bem entrava no escritório. O agradável relacionamento entre empregado e empregador era melhor do que toda a

prática de taquigrafia que ele poderia adquirir no mundo.

Depois de seis anos de trabalho na Cidade de Lago Salgado, Joseph foi chamado para a Missão Suíço-Alemã e partiu em outubro de 1911. Chegando em Zurich, na Suíça, viu-se aturdido com a tarefa que tinha pela frente. "Fiquei realmente muito preocupado, quando [illegible] aquelas enormes sentenças em alemão, escritas nas fachadas das lojas", recorda ele. "Fiquei imaginando como iria aprender tal língua". Mas ele aprendeu o alemão rapidamente, graças ao "dom das línguas", juntamente com muita oração, trabalho árduo e estudo. Seu companheiro lhe ensinava uma sentença nova por dia; primeiro ele aprendeu a dizer: "Bitte, lesen Sie dieses" (Por favor, leia isto), ao entregar panfletos às famílias alemãs. "Acho que vinham mais pesquisadores às reuniões antes de eu aprender a língua do que depois", refletiu ele.

O Élder Anderson voltou do campo missionário em maio de 1914. Não levou muito tempo para que encontrasse uma companheira. Norma Ettie Peterson era filha de Hugo D. E. Peterson, editor de um jornal de Lago Salgado para emigrantes suíços, o *Utah Posten.* "Ela era loura e eu moreno, e eu a achava a moça mais bonita da cidade", diz Élder Anderson. Ele lhe fez a corte, e sempre que saíam juntos, iam nadar e dançar no antigo e famoso Saltair, parque de diversões localizado às margens do Grande Lago Salgado. Casaram-se no dia 11 de novembro de 1915, no Templo de Lago Salgado. Todos ficavam impressionados com a aparência do atraente casal: Norma Anderson, com seus brilhantes cabelos louro-platinados e olhos escuros; e Joseph, com seu simpático bigode preto, relembrando, para orgulho seu, um famoso ator britânico da época, cujo nome era Ronald Colman.

Para poder sustentar sua nova família, Joseph empregou-se no Marchants Bank, então Utah Fuel Company, mas sentiu que não estava progredindo nesse emprego. Pensou em desistir da taquigrafia e arranjar outro trabalho, mas acabou [illegible] por ela [illegible] "se tinha que [illegible] taquígrafo toda a vida, iria conseguir a melhor posição que houvesse no gênero".

Durante anos, ele perseguiu a meta de trabalhar para o Presidente Heber J. Grant, pertencente então ao mundo dos negócios de Lago Salgado, e a quem havia conhecido e admirado desde menino. Não foi uma meta fácil de atingir. O Presidente Grant era um "orador rapidíssimo", e poucos secretários haviam conseguido estenografar seus sermões. Destemido, Joseph sentou-se na audiência durante um discurso dominical proferido no Tabernáculo, para tomar nota das palavras do Presidente. Pouco depois, tomou nota de outro discurso dele, proferido no Assembly Hall, a pedido do próprio Presidente, que havia ficado impressionado com o trabalho de Joseph no discurso anterior. "Ele me fez passar por um dos maiores testes de minha carreira, pois era um orador rápido, muito rápido. Ilustrações, histórias, poemas, citações, vinham à sua mente com a rapidez de uma máquina de debulhar." Depois, Joseph, ficou um pouco desanimado, mas sua mulher incentivou-o a ir à biblioteca e copiar algumas das referências e citações do Presidente.

No dia 1.º de fevereiro de 1922, Joseph Anderson tornou-se secretário particular do Presidente Grant, principiando uma profunda associação que duraria vinte e três anos. A figura firme e monumental, amada pela Igreja, tornou-se seu amigo pessoal. "Generosidade", replica o Élder

Anderson, quando lhe é perguntado qual a qualidade do Presidente Grant que ele mais lembra. "Eu registrei todos os seus feitos. Tenho conhecimento das muitas vezes em que ajudou aos necessitados, até mesmo pagando hipotecas de amigos e viúvas com seu próprio dinheiro."

O Presidente Grant estava sempre pronto a dar. Depois de um discurso enérgico numa conferência em San Diego, convidou Joseph a jogar golfe com ele. "Eu nunca havia jogado golfe... mas não podia negar-me a fazê-lo", recorda Élder Anderson. O Presidente providenciou-lhe uma lição e um balde de bolas de golfe para praticar, e depois jogaram algumas partidas. No dia seguinte, em Los Angeles, Califórnia, o Presidente Grant sofreu um ataque debilitante do coração. A caminho do hospital, sussurrou: "'Joseph, você deu umas tacadas até bem boas ontem.' Respondi: 'É, Presidente, acho que o senhor me converteu. Terei que arranjar alguns tacos e começar a praticar.' 'Não se preocupe com os tacos', respondeu ele, 'eu os comprarei para você'."

Felizmente o Presidente se recuperou e viveu mais cinco anos, embora com a vida em perigo. Quando de cama, insistiu para que todo o cartão com votos de restabelecimento e buquês de flores a ele enviados fossem agradecidos, e, embora mal pudesse movimentar a mão, assinou cada uma das respostas. "Ele foi o mais bondoso dos homens", diz Élder Anderson. Um ou dois dias antes de sua morte, aos 88 anos, o Presidente Grant encontrou-se com o seu fiel secretário pela última vez. "Joseph, alguma vez fui grosseiro com você?" perguntou. Seu secretário sentiu-se feliz em poder responder: "O senhor nunca me disse uma só palavra indelicada."

Em 1922, George F. Gibbs se aposentou como secretário da Primeira Presidência, e Joseph tomou o seu lugar — o segundo homem na história da Igreja a ocupar tal posição. Nela permaneceu durante quase cinqüenta anos, tomando conta da vasta correspondência do Presidente, bem como a da Primeira Presidência. Durante este tempo, ele também serviu durante vinte e dois anos no sumo conselho da Estaca Boneville, como conselheiro do bispado da Ala Trinta e Três, e em várias presidências de quoruns do sacerdócio, tanto na ala Trinta e Três, como na Ala Douglas.

Joseph Anderson tornou-se o segundo homem na história da Igreja a ocupar a posição de secretário da Primeira Presidência.

Como secretário da Primeira Presidência, Élder Anderson gozava de um relacionamento bastante íntimo com os Conselheiros. Recorda com carinho a consideração do Presidente Charles W. Nibley, Conselheiro do Presidente Grant. Acompanhar o Presidente Grant em sua vida ativa nem sempre foi fácil para o seu secretário e motorista. Mais de uma vez, o Presidente Nibley sugeriu: "Heber, você não acha que devia deixar Joseph em casa com sua família amanhã?" Desta maneira Élder Anderson conseguia um pequeno descanso de fim de semana de vez em quando.

Em adição aos seus deveres junto à Primeira Presidência, Joseph tornou-se escrevente da conferência geral. Nos anos iniciais, ele taquigrafava os

sermões, reunindo-os para publicação no Relatório Oficial da Conferência. "Mesmo depois de começarmos a usar gravadores, eu os taquigrafava." Joseph não queria que nenhuma só das inspiradas palavras se perdesse, e encontrava muita satisfação nesse trabalho. Também apreciava imensamente seu trabalho como secretário do Conselho da Primeira Presidência e dos Doze.

Joseph aprendeu a respeitar e apreciar o exemplo das Autoridades Gerais e muitos deles se tornaram seus amigos particulares. "Estes não são homens medíocres: são gigantes do Senhor", diz ele, e os ama a todos. Guarda com carinho especial as lembranças de suas primeiras associações com homens tais como Élder Rudger Clawson (antigo presidente do Quorum dos Doze, 1857--1943) e Élder James E. Talmage. "No que diz respeito à língua inglesa, Élder Talmage era o homem mais técnico do mundo", lembra ele. "Um grande erudito, Membro da Royal Society of Edinburg, na Escócia, e da junta de consultores do Webster Dictionary."

Quando já idoso, Élder Talmage sofreu uma deficiência física, e Joseph muitas vezes ajudou a carregá-lo nas escadarias do templo, para assistir às reuniões. Às vezes Élder Talmage passava a noite no escritório, por causa da dificuldade que tinha de se locomover: "Muitas vezes ele me chamava até o seu escritório para conversar... Acho que sentia-se um pouco solitário. Se eu chegava tarde da noite em casa... minha mulher já sabia... estava com o Dr. Talmage."

Talvez seu amigo mais íntimo nos altos conselhos da Igreja tenha sido o Presidente J. Reuben Clark, Jr., Conselheiro dos Presidentes Heber J. Grant, Joseph F. Smith e David O. McKay. "Raramente se passava um dia em que não ficássemos horas juntos. Ele era como um pai para mim, e freqüentemente dizia que me considerava um filho... Nunca se poderá escrever ou falar o suficiente sobre a grandeza e bondade deste homem", relembra ele. E a opinião do Presidente Clark a respeito do Élder Anderson não ficava por menos: "Acho que já exauri todos os bons adjetivos que conheço tentando expressar a Joseph minha apreciação por seu trabalho", foi o que muitos o ouviram dizer. "Joseph é um homem humilde, mas possui uma alma grandiosa... Nunca poderia pagar--lhe, nesta vida, tudo o que lhe devo, e terei que esperar até a eternidade para demonstrar-lhe toda a minha gratidão, respeito e amor."

Suas muitas experiências pessoais com os Irmãos, tornaram-no benquisto com o passar dos anos. Quando George Albert Smith se tornou Presidente da Igreja, em 1945, foi pedido a Élder Anderson que permanecesse como secretário da Primeira Presidência. Ele viajou intensamente com o Presidente Smith e aprendeu a respeitá-lo como um "verdadeiro cristão". Ele relembra que o Presidente Smith tirou seu próprio sobretudo e colocou-o numa pilha de roupas que seriam embarcadas para os santos necessitados de após-guerra, em seguida ao término da II Guerra Mundial, em 1945. Relembra também a visita que fizeram aos presidentes dos Estados Unidos e do México. Deixaram o então Presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, esperando do lado de fora do escritório, enquanto o Presidente Smith explicava o Livro de Mórmon e prestava seu testemunho ao Presidente Avila Camacho, do México.

Durante os dezenove anos seguintes à morte do Presidente Smith, Joseph serviu na administração do Presidente David O. McKay. Seu professor na adolescência

No final da década de 1940, Joseph Anderson (à direita) acompanhou o Presidente George Albert Smith (no centro), numa visita ao Presidente do México. Lá, ficaram conhecendo o antigo Presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover (à esquerda do Presidente Smith).

era agora o líder da Igreja. O Presidente e a Irmã Emma Ray Riggs McKay representavam para Joseph o mesmo grande exemplo de amor ao evangelho e um pelo outro, que se tornou legendário na Igreja. "Ele era sempre amoroso, atencioso e cortês", relembra Élder Anderson, que recorda uma visita que lhe fez em seu apartamento, quando o Profeta se achava às portas da morte; encontrou-o no sofá, de mãos dadas com a sua querida namorada. "Perguntei a Irmã McKay como se sentia, e ela respondeu: 'Eu estou bem, mas me preocupo com o meu rapaz.' Disse-lhe então 'Ele ainda é o seu rapaz, não é?', e ela me respondeu, sem hesitar: 'Certamente.' A isto adicionei: 'Como ele não há outro igual, não é?' e ela respondeu: 'Sem dúvida alguma.'"

Foi grande a reverência de Élder Anderson pelo Presidente McKay durante os trinta anos incompletos em que o serviu e testemunhou o crescimento das atividades da Igreja durante a sua presidência. Nesses anos de expansão mundial, o conselho de Joseph foi muitas vezes procurado pela Primeira Presidência, devido à sua longa experiência. Seus conselhos sábios e experimentados foram igualmente úteis no mundo dos negócios. Quando não ocupado com os assuntos da Igreja, ele estava na junta de diretores do Deseret Book, servindo durante quarenta anos como secretário e tesoureiro. Suas pastas contêm um belo certificado com o qual foi premiado pela Enciclopédia Britânica, por artigo seu sobre a Igreja, contribuindo com ele como porta-voz da Primeira Presidência. Adicionalmente, devotou seus talentos na diretoria de uma

pequena companhia de açúcar e outra de estrada de ferro, onde serviu como vice-presidente. Seus esforços em tais negócios e seu trabalho na Igreja renderam-lhe reconhecimentos em famosos livros de consulta, tais como *Who's Who in America, Who's Who in Finance and Industry, e Who's Who in Religion*. (Quem É Quem na América, Quem É Quem nas Finanças e Indústria e Quem É Quem em Religião.)

Logo depois de seu chamado para servir como Autoridade Geral, Élder Anderson continuou o trabalho de toda a sua vida com registros, como Diretor Chefe do Departamento Histórico da Igreja. Sob a sua liderança, o departamento se expandiu, transformando-se num importante órgão de pesquisas, bem como num repositório cuidadosamente organizado para a vasta coleção de arquivos da Igreja.

Em 1977, Élder Anderson tornou-se membro do Primeiro Quorum dos Setenta, e aposentou-se parcialmente dois anos mais tarde, aos noventa anos, conservando seu cargo sem participação ativa, como membro emérito.

Mas a aposentadoria do Élder Anderson *é* parcial. Aos noventa e três anos, ele continua a trabalhar regularmente no Edifício dos Escritórios da Igreja. As paredes de seu escritório estão repletas de fotografias de antigos Presidentes e Apóstolos da Igreja — todas com dedicatórias carinhosas. Seus armários estão cheios até o teto com primeiras edições de muitos clássicos do evangelho, incluindo uma cópia de suas próprias memórias, *Prophets I Have Know* (Profetas que Conheci), publicado em 1973. Sentado à vontade em seu escritório, ele continua esbelto e vigoroso, e é inabalável a força do seu testemunho.

"A vida tem sido boa", diz ele, "graças ao Evangelho de Jesus Cristo". Agradecido por sua saúde, atribui seu vigor e ausência de enfermidades físicas às bênçãos do Senhor — e exercícios. Continua a nadar duas ou três vezes por semana, uma prática de mais ou menos oitenta anos, e dá longas caminhadas, como sempre fez. "Não se pode esperar que o Senhor faça tudo sozinho. A obediência às leis de saúde nos é benéfica."

Ninguém que tenha observado Élder Anderson ao púlpito duvida disto. Quando fala, bate o punho com força para enfatizar algo, e todo o seu corpo transborda de energia. Sua voz é poderosa, e forte o seu testemunho.

Consciente de que muitos dos seus ouvintes precisam de incentivo na fé, exorta-os amorosamente: "Oh, não o negligenciem; não negligenciem os poderes salvadores do evangelho, perdendo por completo a maior de todas as bênçãos da vida." Sua súplica nos atinge principalmente pelo fato de ser ele um de nós, pelo sentimento de companheirismo que transmite, fazendo com que seus ouvintes sintam-se como seus iguais. Sua voz não demonstra condescendência — demonstra o desejo fervoroso e fraterno de propagar alegria que seu testemunho lhe dá.

Apesar de toda sua experiência, insiste em dizer que é um "Homem comum". "Nunca fui bispo, nunca presidi nenhuma estaca ou missão", explica. No seu primeiro discurso numa conferência geral, em outubro de 1970, confessou sentir-se humilde por causa de suas imperfeições. No entanto, conseguiu aceitar o chamado com serenidade, pois seus oitenta anos o haviam ensinado a "pagar o preço". Élder Anderson deposita sua confiança em um princípio simples do evangelho: "E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia"

(D&C 130:21). Dá ênfase à sua dependência no Senhor, com orações constantes para que ele o "qualifique" para fazer o trabalho, mas não nutre ilusões quanto à sua parte. "O preço é guardar os mandamentos" afirma. "Não podemos receber exaltação no reino do Pai Celestial a preço de liquidação."

Avançado em anos, Élder Anderson é um testemunho vivo da eficiência de tal princípio. Sua boa vontade em pagar o preço que for necessário pelas bênçãos do Senhor, resultou no que ele mesmo chama de uma vida de "agradáveis associações" e "caras experiências". Ele sente pena das muitas pessoas que preferem levar uma existência vazia, sem "o propósito que modela a vida", concedido pelo evangelho. "A vida é de bem pouco valor, a menos que um grande propósito lhe dê forma e sabor", diz, com toda sinceridade, a amigos membros da Igreja. "E não existe propósito melhor do que ajudar nosso próximo, bem como a nós mesmos, a obter a salvação gloriosa prometida pelo Salvador."

Sua família provavelmente tem sido muito influenciada por sua abnegada energia. Ele olha com carinho as fotografias sorridentes de seus três filhos, Bette, Joseph R., e Elaine, penduradas na parede de seu escritório, e encontra grande alegria nos seus dez netos e vinte e cinco bisnetos, que o chamam de "Papa". Irmã Anderson, durante vinte anos líder da Junta da Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças, é "uma bela mulher", diz o marido. Cronicamente enferma durante alguns anos, tem sido alvo dos pacientes e devotados cuidados do marido. "Uma mulher muito forte e elegante", é o tributo que lhe é pago por seus filhos.

Os filhos de Élder e Irmã Anderson lembram com satisfação a atmosfera gentil, mantida em seu lar pelos pais: "Papa nunca foi rígido; foi sempre bom e humilde", diz uma filha. Durante um período de depressão de sua vida, lembra outra filha, uma carta incentivadora do pai mudou toda a sua atitude. "Ele nunca diz nada indelicado e sabe como divertir-se conosco." Aos noventa anos, ainda faz ginástica com os netos.

"Não negligenciem os poderes salvadores do evangelho, perdendo por completo a maior de todas as bênçãos da vida."

Homem de negócios, secretário de Presidentes e Autoridade Geral na Igreja do Senhor — tais chamados ajudaram a dar à vida do Élder Joseph Anderson, o toque de distinção que lhe é característico. Acima de tudo, é um cavalheiro, animado com o espírito e propósito do evangelho, um amigo abnegado de todos os que o conhecem. O Primeiro Ministro Inglês, Benjamim Disraeli (1804-1881), escreveu: "A vida é uma luta, e a velhice um desgosto", mas não há desgostos na vida do Élder Joseph Anderson. O menino pobre do interior, que cavalgava por sobre os morros de Roy, Utah, há quase um século atrás, continua entre nós como testemunha viva dos frutos pacíficos de uma vida de devoção aos propósitos do Pai, e de que o crescimento eterno é alegria igualmente eterna. ★

Breck England, professor secundário, é conselheiro da presidência da missão, Estaca Bountiful Utah Central.

A Luz Nunca Se Desloca

Spencer J. Condie

Uma interessante experiência no campo da psicologia social investiga até que ponto os julgamentos alheios podem influenciar o nosso modo de ver as coisas. Um psicólogo fez uma pequena máquina contendo uma luz forte que pode ser ligada, emitindo várias rajadas de luz minúscula. Quando a pessoa vê uma pequena rajada dessa luz num quarto escuro, a luz parece movimentar-se, embora a máquina que a produza esteja imóvel e não se desloque de forma alguma. A isto se deu o nome de efeito autocinético (efeito de movimento próprio), e desempenha um importante papel nesta experiência.

No primeiro estágio da experiência, uma pessoa, vamos chamá-la Roberto, é conduzida a um quarto escuro e instruída a avaliar a distância do deslocamento de uma rajada de luz para a outra. Da primeira vez, ele responde que a distância é de dois centímetros, três da segunda, e quatro da terceira. Depois de diversas tentativas, acaba avaliando a distância de deslocamento numa média de três centímetros.

Em seguida, é pedido a Roberto que saia do quarto, e Susana é convidada a sentar-se a mais ou menos um metro de distância da máquina. Começa avaliando em três centímetros, depois dois, e finalmente repete estimativas de cerca de um centímetro.

Depois de registradas as avaliações, Roberto é convidado a voltar para o quarto, juntamente com Susana, e ambos são instruídos a fazerem avaliações individuais sobre outra série de rajadas de luz. Depois da primeira, Roberto diz "três centímetros", e Susana replica que a distância é de apenas um. Na tentativa seguinte, Susana declara ser "um e meio", e Roberto replica "dois e meio". Depois de diversas tentativas subseqüentes, acabam concordando que a luz se desloca numa distância de dois em dois centímetros.

A princípio, a conclusão desta experiência pode parecer trivial, mas é, em muitos sentidos, profunda. *A luz nunca se desloca*. São somente nossas percepções da luz que o fazem. Quando nos associamos com os outros, cujas opiniões são diferentes da nossa, suas decisões freqüentemente influenciam o nosso modo de ver as coisas, e nós, por nossa vez, influenciamos a visão que eles possuem do mundo.

Poucos de nós somos convidados a participar de uma experiência de

laboratório com o objetivo de fazer avaliações ou dar opiniões, mas todos os dias nos é requerido que façamos importantes avaliações no laboratório da vida. Às vezes temos a tendência de esquecer algumas importantes verdades eternas. Por exemplo: "O Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam conhecer o que é bom e o que é mau." O Salvador nos assegurou que, se formos suscetíveis ao seu espírito, ele nos ensinará "o modo de julgar" (Morôni 7:16). O Salvador referiu-se também a si mesmo como "A Luz do Mundo: quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (João 8:12). Essa luz nunca se desloca, e se parece distanciar-se de nós, é porque fomos nós que nos distanciamos dela.

Às vezes, em nossa vida diária, da mesma forma que no laboratório escuro, perdemos nossa perspectiva, à medida que o ambiente familiar desaparece. Achamos que a luz se distanciou de nós. Uma das maneiras através das quais nos distanciamos da luz de Cristo é participando do jogo do "Faço Isso, Mas...". Vocês já o conhecem:

"Eu praguejo muito, mas nunca tomo o nome do Senhor em vão."

"Não pago o dízimo integral, mas pelo menos pago alguma coisa."

"Assisto a alguns filmes que podem ser considerados um pouco imorais, mas nunca aqueles realmente indecentes."

"É claro que não pago meus impostos direitinho, mas não sou tão mau pagador quanto certa gente que conheco."

"Podem achar que eu esteja fazendo fofoca, mas estou dizendo apenas a verdade."

"As roupas que visto podem parecer meio esquisitas, mas nem se comparam com as que meus colegas usam."

E, portanto, nas palavras de nosso amado amigo, Néfi: "Assim o diabo engana suas almas e as conduz cuidadosamente ao inferno" (2 Néfi 28:21).

Embora a luz nunca se desloque, quanto mais ficamos em contato com aquilo que é anormal, degradante e indesejável, tanto mais normal e desejável isso nos parece. Tornamo-nos menos sensíveis aos sussurros da "voz mansa e delicada". Naquela mesma grande epístola que motivou o menino profeta, Joseph, a procurar o Senhor em oração, o Apóstolo Tiago compartilhou alguns grandes pontos de vista a respeito deste processo:

"Bem-aventurado o varão que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam.

"Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta.

"Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência.

"Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte.

"Pelo que, rejeitando toda a imundícia e superfluidade de malícia, recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar as vossas almas" (Tiago 1:12-15, 21).

Jovens da geração eleita, fostes mandados com amor à "que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (I Pedro 2:9).

Não esqueçam que a luz nunca se desloca. ★

Em contraste com os verões do sul de Idaho, aos quais eu estava acostumado durante minha infância e adolescência nos Estados Unidos, o verão que passei na Ilha Awaji, no Japão, foi quase insuportável, por causa da extrema umidade. Eu era um jovem missionário que se esforçava bastante para conquistar a língua japonesa e compreender a cultura do povo, mas descobri, para meu desapontamento, que me cansava facilmente naqueles primeiros meses que passei sob o sol de verão do Japão.

A Ilha Awaji é pequena e fica a pouca distância dos portos de Kobe e Osaka. Sumoto, a maior cidade da pequena ilha, se apresenta cheia dos odores, sons e vistas típicas japonesas. Sua cultura, diferente da encontrada nas cidades vizinhas de Osaka e Kobe, recebeu o mínimo de influência de distantes países ocidentais. Embora possa ser vista de Osaka, uma das áreas mais metropolitanas do Japão, a sonolenta ilha está virtualmente isolada, exceto pela lancha e balsa que a ligam a seus vizinhos.

A clara luz da manhã me encontrou sentado junto à minha mesa, equilibrando cuidadosamente a cadeira nas pernas de trás, com o livro de Doutrina e Convênios descansando no meu colo. Comecei a ler a seção 105.

Meus olhos passaram rapidamente pelos dois primeiros versículos, mas pararam no terceiro. Reli: "Mas eis que não aprendeu a ser obediente às coisas que dele requeri, mas está cheio de toda sorte de maldades, e não reparte os seus bens com os pobres e aflitos dentre eles, como convém a santos." Fiquei imaginando exatamente o que significariam as palavras "como convém a santos", e distraí minha atenção do livro. Subitamente descansei para trás o peso do corpo, o que me fez jogar para a frente, bem em tempo de me salvar de uma queda. Cair para trás, em cima da esteira de tatami que cobria o assoalho no apartamento japonês, provavelmente não teria sido muito doloroso, mas um jovem e orgulhoso missionário não se sentiria muito contente em perturbar o companheiro senior que estava deitado atrás, caindo em cima dele. Lá fora, um grilo alegre cumprimentava os raios da manhã, enquanto os insetos de um campo de arroz vizinho orquestravam uma alegre serenata de verão. Depois que eu e meu companheiro tomamos o desjejum, comecei a estudar a lição sobre o sacerdócio que teria de ensinar naquela semana.

Vagarosamente comecei a vocalizar as sentenças. Eu sempre ficava pasmado diante da minha dificuldade em vocalizar a língua japonesa, pois me orgulhava da rapidez com que meramente passava as frases por minha mente. A umidade parecia aumentar à medida que eu tentava me lembrar das palavras necessárias para explicar a restauração do Sacerdócio Aarônico. Quando tentava cuidadosamente relembrar a desconcertante estrutura da sentença, ouvi abrir do lado de fora a porta da grande casa japonesa que usávamos como capela. Como não ouvi nenhuma saudação amigável por parte do intruso, logo imaginei que fosse o Irmão Shinooki, o novo membro surdo, que vinha nos fazer uma de suas freqüentes visitas. O Irmão Shinooki era um homem pequeno e magro, que fazia suas rondas diárias, montado em sua velha bicicleta. Morava numa choupana pequena e humilde, no fim de um caminho íngreme e precário, cheio de altos e baixos, que se arrastava morro acima, para fora de Sumoto. Sua vida solitária deve tê-lo incentivado a se mostrar tão desejoso de fazer amigos, que nem mesmo sua surdez o impedia disto. O Irmão Shinooki havia conhecido os missionários anteriores à minha chegada em Awaji e se afeiçoara aos amigáveis estrangeiros cristãos. Com a ajuda de um membro de Osaka, que conhecia a linguagem dos sinais, foi-lhe ensinado o evangelho restaurado, e as bênçãos do batismo lhe foram administradas. Embora eu não tivesse muita habilidade em me comunicar com surdos, tentei sinceramente comunicar-me com meu amigo. Através de movimentos com as mãos, em forma de charada, e de

gravuras simples, conseguimos ficar nos conhecendo surpreendentemente bem. No entanto, sendo ele incapaz de comunicar-se verbalmente, muitas vezes eu ficava imaginando quão profundo seria o testemunho e entendimento dos princípios do evangelho por detrás daquele sorriso grande e simpático.

Era um dia extremamente quente. Compreendendo que nossas possibilidades de estudo haviam sido consideravelmente diminuídas com a presença jubilosa do Irmão Shinooki, meu companheiro e eu decidimos ir com ele até a esquina, comprar um sorvete, para nos confraternizarmos com o membro surdo e também proporcionar a nós mesmos um ânimo extra antes de desbravarmos a ilha úmida, à procura de almas preparadas para a nossa tão preciosa mensagem. Cada um de nós comprou um picolé e nos abrigamos à sombra de um antigo edifício de madeira, cuja frente chamuscada pelo calor do sol oferecia alguma proteção para seus três hóspedes incomuns. Os sorvetes não eram de sabor assim tão delicioso, mas baratos, o que os tornava irresistíveis. Quem tivesse sorte, depois de comê-lo podia encontrar os símbolos japoneses "atari" impressos no pauzinho, o que permitia ao orgulhoso dono trocá-lo por outro sorvete, sem precisar pagar. A oportunidade de encontrar um desses pauzinhos cobiçados se tornava mais e mais tentadora, à medida que a temperatura aumentava. Como se eu estivesse seguindo um ritual instintivo, comi a substância gelada em volta do pauzinho, deixando que uma fina camada de sorvete cobrisse a área total do "atari" em potencial. A última e importante mordida sempre me informava se meu próximo sorvete seria grátis ou sairia do meu próprio bolso. Ao dar a última e importante mordida, minha língua correu pelo pauzinho, e meus olhos tão somente confirmaram aquilo que eu já sentira, que ele estava de fato liso, sem quaisquer símbolos japoneses nele impressos. Notei que meu companheiro partilhou a mesma sina, pois também não encontrou o símbolo mágico no seu pauzinho. Para nossa divertida decepção, o Irmão Shinooki foi de mais sorte. Os caracteres adornavam o pauzinho do seu picolé. Quando eu e meu companheiro vimos cobiçosamente o pauzinho que o Irmão Shinooki segurava, nos olhamos, como para confortar-nos de nossa tristeza.

Nosso amigo surdo ficou contente ao encontrar o tesouro recém descoberto. Sua face se iluminou e ele sorriu para nós. Sem hesitar, correu até a ruazinha estreita e entregou o precioso pauzinho para um menino que indolentemente andava de bicicleta. Como se o sorriso de nosso amigo surdo fosse contagiante, a face do menino se iluminou numa alegria instantânea, ao mesmo tempo que pegava o pauzinho e se dirigia à sorveteria, para reclamar o seu sorvete. O Irmão Shinooki voltou até os seus dois amigos missionários, agora bem mais humildes. Embora ele não o soubesse, havia-se tornado o professor naquele dia, ensinando-nos a verdadeira caridade. Imediatamente entendi que o Irmão Shinooki sabia o que significava repartir os seus bens "como convém a santos". Compreendemos que, embora a pessoa não tenha condições de verbalmente prestar testemunho, ainda assim não fica impedida de vivê-lo. A barreira da comunicação se derreteu e, sem dizer uma só palavra, partilhamos, os três, de um momento de comunicação total — um momento que não pode ser descrito por palavras, mas pode, tão somente, ser entendido através do coração. ★

UM VISLUMBRE DE ETERNIDADE

Todos nós necessitamos de coragem para alcançar nossos objetivos. Todos precisamos visualizar "a glória da vinda do Senhor", todos precisamos ter nosso vislumbre da eternidade.

Os pioneiros SUD devem ter percebido o significado da eternidade. Pensemos por um momento no que realmente significava ser um pioneiro. Pensemos nos Santos expulsos, do outro lado do rio gelado, vendo suas bonitas e aquecidas casas, em Nauvoo, deixadas para trás. Imaginemos como deve ter sido duro para uma das minhas tias avós, aos cinco anos de idade andar de Winter Quarters, Nebraska, até o Grande Vale do Lago Salgado, em Utah. Como deve ter sido duro trilhar atrás de um carroção ou na frente de um carrinho de mão, um caminho poeirento. Imaginemos uma viagem de seis meses em meio a pó e sujeira. Pensemos nas mães que tiveram filhos nas planícies, e imaginemos a dor de dar à luz um filho e depois ter que depositar aquele fardo precioso numa

cova rasa, cobrindo-o com pedras e orando para que os lobos não atacassem o pequeno corpo.

O que poderia ter motivado aquelas pessoas a continuar, não obstante condições tão precárias? Elas não eram obrigadas a fazê-lo. Podiam ter voltado atrás. Muitos foram os que fizeram as pazes com as turbas e não foram para o oeste. O que foi que motivou os santos fiéis a assim agirem? Sugiro que eles vislumbraram a glória do Reino de Deus. Quando Brigham Young viu o Vale do Lago Salgado, não existiam nele as casas, igrejas e templos que ele sabia que um dia haveriam de existir, mas visualizou a glória do reino e nunca duvidou. E ele não foi o único. Quando a caminho, todos vislumbraram a glória do Reino de Deus. Foi isto o que fez com que cruzassem as planícies. Eles tinham que vislumbrar essa glória: essa foi a sua visão ou testemunho.

Outro exemplo de grande significado para mim foi o de minha tetravó. Ela foi criada numa agradável área da Inglaterra, um lugar cheio de ondulados morros verdejantes. Sua família não era rica, mas vivia de maneira confortável pelos padrões do seu tempo. Deixaram tudo para cruzar o Oceano Atlântico, não de avião a jato, nem de luxuoso transatlântico. Com um grupo de santos, conseguiram alugar um navio em Liverpool, na Inglaterra. Era a única embarcação disponível, e já devia ter sido aposentada, mas eles conseguiram convencer seus donos a alugá-la para uma última viagem através do Atlântico. Os donos pensaram: "Bem... as chances de conseguir fazer a viagem são razoáveis." Encontraram um capitão e alguns marujos dispostos a navegar naquela banheira velha.

Quando estavam ao mar mais ou menos uma semana, arrebentou uma tempestade terrível, que bateu implacável contra o navio.

Como o capitão não quisesse que passageiros em pânico interferissem com a tripulação durante a tempestade, simplesmente fechou as comportas, para certificar-se de que os passageiros permaneceriam no porão que ficava abaixo da coberta principal. Assim não havia modo de escapar.

Lá embaixo, nas trevas do porão, arrebentaram as cordas que seguravam os pesados baús que continham os apetrechos de casa dos santos, de modo que não podiam sair dos beliches no escuro, com medo de terem suas pernas esmagadas pelas caixas. Eles haviam trazido seus equipamentos de cozinha, e as panelas e pratos batiam uns contra os outros, fazendo quase tanto barulho quanto as crianças que passaram a noite toda gritando aterrorizadas.

Depois que a tempestade parou e foi permitido aos santos que subissem ao convés, imediatamente se reuniram para agradecer ao Senhor por tê-los libertado. O velho capitão mostrou-se impressionado. Depois de ouvi-los cantar seus hinos e proferir orações, exclamou: "O Deus que adoram deve gostar muito de vocês, caso contrário, estariam no fundo do oceano esta manhã. Entrou água no navio a noite toda, e os marujos ficaram inundados até os joelhos, bombeando a água na esperança de se salvarem, enquanto a velha embarcação continuava a navegar, apesar da tempestade."

Eles sabiam com antecedência que estavam-se arriscando a isto. Por que o fizeram? Por que as pessoas fazem coisas assim? Sugiro que foi porque

tiveram um vislumbre da glória do Reino de Deus. Suspeito que existe um grande número de pessoas que fazem coisas heróicas, porque talvez, por um momento apenas, conseguem visualizar o significado de um ideal.

Passamos a maior parte de nossa vida fazendo coisas comuns, coisas do dia-a-dia — indo para a escola, indo e vindo do trabalho, limpando a casa, lavando roupas, e todas essas coisas monótonas que nos parecem aborrecidas e sem graça.

Mas, de vez em quando, algumas pessoas têm um vislumbre do que estão realmente fazendo, o que as inspira a realizações absolutamente sobre-humanas. Quando olhamos para trás, na história, são essas as pessoas que nos causam grande admiração. Foram elas que fizeram com que nos fosse possível gozar das bênçãos do evangelho sob condições bastante favoráveis. Deveríamos ser-lhes eternamente agradecidos.

Espero que todos nós possamos dizer que, de alguma forma, tivemos um vislumbre da glória do Reino de Deus. São muitos e diferentes os tipos de glória que podemos visualizar, mas todos são um reflexo da glória do Pai Celeste.

Às vezes visualizamos a sua glória através de realizações de seus filhos. Tudo o que é concebido e realizado de bom pela mente e mão do homem, é um testemunho da mente e mão de nosso Criador. No meu trabalho com a NASA (National Aeronautics and Space Administration) tive a oportunidade de vislumbrar este tipo de glória muitas vezes.

Naturalmente é bom conservar a perspectiva das realizações humanas. Temos, tão somente, que olhar para

cima, numa noite estrelada, para vermos até que ponto as obras do Pai excedem as nossas. De fato, muitas vezes vislumbrei a glória do Pai Celestial através das belezas do mundo que ele criou para nós.

Viajo muito de avião vindo e indo a reuniões de treinamento e testes com vários empreiteiros da NASA. Para tal, a NASA me fornece um avião a jato T-38, e eu o piloto como parte de meu treinamento como astronauta. Eu "vôo para o trabalho" muitas vezes a 14.000 metros de altura, numa velocidade que quase atinge a barreira do som. Numa altitude de 14.000 metros, não existem linhas aéreas comerciais, nem montanhas a serem evitadas. Gosto de ler Doutrina e Convênios enquanto vôo.

"Eu vôo para o trabalho muitas vezes a 14.000 metros de altura, numa velocidade que quase atinge a barreira do som."

Ocasionalmente o tempo está claro e a vista é fantástica.

Em um desses vôos, pude ver mais ou menos uma sexta parte dos Estados Unidos de uma só vez, o que não deixa de ser um modo impressionante de ver uma nação. Daquela altitude não se pode ver o lixo jogado ao lado da estrada, não se ouvem discussões familiares, não se toma consciência dos divórcios que estão sendo realizados, nem de discriminações e pobreza. A cena é belíssima. Vê-se o mundo como o Senhor o criou.

Certa noite, eu estava voando pela costa leste dos Estados Unidos a 14.000 metros de altura. Tinha havido um grande temporal, deixando o ar completamente limpo. A costa toda parecia um grande lençol de veludo negro, no qual alguém tivesse jogado um punhado de diamantes.

Talvez mais emocionante ainda que as maravilhas da natureza seja a glória que vislumbramos na vida dos filhos de nosso Pai Celestial. Estive presente na assembléia solene em que o Presidente Harold B. Lee foi apoiado como novo presidente da Igreja. Tive uma manifestação espiritual de que aquele homem era um profeta, tanto quanto o foram Abraão, Isaías ou Pedro. Essas pequenas revelações podem ajudar-nos a fazer uma porção de visitas de ensino familiar, bem como a nos desempenharmos de outros trabalhos menos espetaculares na Igreja.

Eu costumava ir às reuniões da NASA, em Binghamtom, Nova Iorque, onde se constróem os simuladores de vôo nos quais treinamos e visitei uma pequena cidade abandonada, chamada Harmony, na Pennsylvania. Perto fica o Rio Susquehanna. Existe ao longo do rio lugares onde não se vê uma só casa, estrada de ferro ou poste telefônico. Nada que possa sugerir que ele seja diferente da época em que Joseph Smith e Oliver Cowdery viram. Pode-se andar ao longo das margens do rio e dizer: "Em que parte será, do rio, que João Batista instruiu os irmãos a se batizarem? Em que parte daqueles riachos, ou em que bosque, Pedro, Tiago e João apareceram a estes irmãos, para ordená-los ao Sacerdócio de Melquisedeque?" A gente sente um pouco do espírito daquelas maravilhosas ocorrências.

Também visitei o vale de Adam-ondi Ahman, no Missouri. Lá obtive o mesmo vislumbre de glória. As profecias nos dizem que algum dia haverá uma reunião muito especial naquele lugar, e que será presidida por Adão. Ele pedirá os relatórios de todas as dispensações. Então o Salvador aparecerá, e Adão lhe entregará um reino para o milênio. Esta reunião, no entanto, será particular. Provavelmente alguns poucos e selecionados possuidores do sacerdócio terão conhecimento dela. Sente-se, porém, o grande impacto que a região nos causa.

Nem todos obtêm um vislumbre da glória do Reino de Deus. No final do século passado, por exemplo, existiu um tal de Sr. Wright, líder religioso de uma comunidade de Elkhart, Indiana. Um homem que atendia pelo nome de Professor Kelly visitou-o. Era um

professor local, que estava tentando levantar fundos para uma pesquisa em assuntos técnicos e desejava o apoio do Sr. Wright. De acordo com ele, se as pessoas concentrassem seus esforços industriais e técnicos, poderiam fazer coisas inacreditáveis para aumentar seu padrão de vida. O professor mencionou algumas das coisas que achava que deviam ser realizadas. Disse que o homem poderia aumentar a sua média de vida, construir casas equipadas com confortos e conveniências jamais imaginadas, e algum dia até mesmo voar como um pássaro.

O Sr.Wright respondeu: "Suas idéias são pecaminosas, e eu não vou apoiá-las. Volte para casa e ore, pedindo perdão. Sugerir que o homem pode voar como pássaro é desafiar a vontade de Deus!"

O Sr.Wright possuía dois filhos — Wilbur e Orville, que tiveram um vislumbre da eternidade ao voarem na primeira máquina motorizada mais pesada que o ar, em 1903.

Às vezes as pessoas não visualizam a glória do Reino de Deus, e outras vezes vislumbram algo que se parece com ela, mas não é; disperdiçam sua vida procurando as sete cidades de ouro ou a fonte da juventude. Estão atrás de algo irreal, procuram uma miragem ao invés de algo real.

Tomara que possamos vislumbrar a verdadeira glória de Deus e sentir seu real espírito.

A geração de vocês, e espero que a minha também, poderia viver para ver a segunda vinda do Salvador. Vocês poderão passar por provações que farão com que cruzar as planícies ou o Oceano Atlântico num navio avariado pareçam coisas muito serenas. Vocês terão que ter um vislumbre da glória do Reino de Deus

para apoiá-los nessas ocasiões. Se tiverem — se visualizaram a glória do evangelho, da Segunda Vinda, do reinado milenial, do reino celestial — esse vislumbre poderá dar-lhes forças para cruzarem suas próprias planícies e para enfrentar a poeira soprando em seu rosto. Talvez tenham que enterrar seus filhos nessas planícies, ou enfrentar outro grande desafio. Vocês terão provações, como todas as gerações as tiveram. Talvez venham a ter até mais do que a maioria delas. Precisarão vislumbrar a glória do Reino de Deus, para terem coragem suficiente para passar por essas provas. ★

O Irmão Lind é astronauta e trabalha na NASA, nos Estados Unidos. Deverá fazer a sua primeira viagem espacial em setembro de 1984.

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS
DIAS

PBMA0427PO